

O PAPEL DO GESTOR ESCOLAR FRENTE À AGRESSIVIDADE DOS ALUNOS: ANTIGOS PROBLEMAS NOVOS DESAFIOS

¹ RODRIGUES. Penha Sebastião da Silva

RESUMO

Tendo em vista que os comportamentos agressivos particularmente nas escolas são considerados um problema que cada vez mais preocupa a sociedade principalmente pela amplitude que tem alcançado, este artigo objetiva analisar a temática da agressividade escolar e sua relação com a gestão da escola pública. Apresenta os resultados de uma pesquisa de caráter bibliográfico, na qual foram analisados artigos e livros sobre o tema. No desenvolvimento procurou-se destacar conceitos sobre os tipos de agressão e suas manifestações na sociedade e nas escolas, considerando a gestão escolar como mediadora dos conflitos e das relações no cotidiano escolar, bem como experiências exitosas no combate a agressividade. Ao final, apontamos algumas ações para a gestão escolar na elaboração de políticas públicas educacionais, no sentido de prevenir e lidar com situações de agressividade escolar.

Palavras - chave: Gestão Escolar; Agressividade; Antigos problemas Novos Desafios

ABSTRACT

Given that the aggressive behavior particularly in schools are considered a problem that increasingly worries society mainly by the amplitude has reached, this article aims to analyze the issue of school aggressiveness and its relation to the management of public schools. Presents the results of a survey of bibliographical character, in which articles and books on the subject were analyzed. The development sought to highlight concepts about the types of aggression and its manifestations in society and in schools, considering the school management as a mediator of conflicts and relationships in everyday school life, as well as successful experiences in combating aggression. At the end, we point out some actions for school management in the preparation of educational public policies in order to prevent and address situations of school aggression.

Key-Words: School Management; aggression; Old problems New Challenges.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo discute a importância da gestão escolar de saber lidar com as questões de agressividade no contexto escolar. O Interesse pela temática parte do pressuposto de que através de reflexões acerca do papel da gestão essas manifestações violentas no ambiente escolar sejam amenizadas gradativamente

A idéia do combate a agressividade escolar é de suma importância, deve ser analisada e estudada na atualidade, tendo em vista suas prováveis.

Graduada em Língua portuguesa e Literatura pela Universidade ESTADUAL Vale do Acaraú- UVA
Graduada em Pedagogia pela Faculdade Kurios FAK.
Pós-Graduada em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA
Pós-graduanda em Gestão Escolar e Administração Escolar
Mestranda em Ciências da Educação Pela ANNE SULIVAN.

consequências. Pensar numa educação que priorize a qualidade e o bem estar do educando, que almeje inserir o jovem na sociedade e no mercado de trabalho, não há como fugirmos do ideal de uma convivência democrática e solidária no ambiente escolar. Para Correa (2004) “[...] em todas as comunidades, qualquer que seja sua cultura, as pessoas têm uma aspiração comum: a busca pela paz, a eliminação definitiva da guerra e da violência, e a luta diária para melhorar a qualidade de vida dos que os rodeiam”. Esta é uma aspiração que diz respeito à educação, cabendo à gestão papel de relevância nesse processo.

Após uma breve contextualização e delimitação do objeto desse estudo o próximo passo é fazer uma problematização que vai dar cabo a construção do problema de pesquisa. Nesse sentido formulou-se as seguintes problemáticas: Será que agressão na escola prejudica o andamento do processo de ensino? A gestão escolar é mediadora dos conflitos e das relações na escola? As ações para tentar diminuir a violência nas escola compreendem alternativas viáveis para amenizar tais atos no dia a dia.

Tendo em vista as problemáticas apresentadas elaborou-se o seguinte problema de pesquisa: de que forma o gestor da escola pública pode amenizar os problemas de agressividade na escola, sendo esse considerado antigos problemas novos desafios que acontecem frequentemente.

Considerando as delimitações do estudo definiu-se como objetivo geral da pesquisa compreender qual o papel do gestor frente à agressividade dos alunos na escola da rede pública. Como objetivos específicos delineou-se os seguintes: a) Verificar os tipos de agressão mais recorrentes na escola, b) identificar na literatura os tipos de agressão e agressividade no contexto escolar, c) Propor alternativas no combate à violência na escola.

Esta pesquisa surgiu da necessidade em atender as exigências acadêmicas e da curiosidade sobre o tema.

Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos, essa pesquisa constitui uma pesquisa de caráter bibliográfico na qual foram utilizadas diversas técnicas como forma de apontar possíveis soluções ao problema.

2 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE O PAPEL DO GESTOR ESCOLAR FRENTE À AGRESSIVIDADE DOS ALUNOS: ANTIGOS PROBLEMAS NOVOS DESAFIOS

Segundo Dicionário Aurélio o termo “agressividade” significa: agredir ou denota agressão. É compreendida como uma forma da criança ou adolescente defender-se, porém precisa ser orientada pelos pais desde os primeiros anos de vida, para não ser algo que venha a trazer efeitos negativos para seu desenvolvimento. Paciência e autoridade são duas maneiras de instruir a criança a usar sua agressividade de forma equilibrada, como impulso de determinação.

Atualmente o contexto escolar tem sido palco das mais diversas violências, variando desde depredações até agressões verbais e físicas. Diante dessa situação cada vez mais gritante, os gestores escolares que são sujeitos que lidam diariamente com esse problema tem buscado ações para tentar amenizar a problemática. Para Abramovay (2002) este tem sido um grande problema social.

Infelizmente por aspectos culturais e até mesmo religiosos, se compara a agressividade apenas com violência ou destrutividade. Estas duas últimas são aspectos totalmente patológicos da conduta humana, causando risco iminente para a própria sobrevivência da espécie. A agressividade é um fenômeno comum do cotidiano, e nos cabe entender a mesma, buscando tanto seus aspectos positivos quanto os negativos.

A agressividade muitas vezes é um mecanismo de defesa daquele que se sente impotente ou acuado, com dificuldade em se impor diante de alguma situação, ou até mesmo de se expressar de modo a ser compreendido e respeitado pelo outro. Existem algumas outras razões que podem ser consideradas para tais comportamentos, como questões culturais, sócio-econômica, saúde física e mental, histórico familiar (tanto em relação ao referencial de educação, quanto hereditariedade) e até fatores biológicos.

Ao longo da vida, necessariamente na infância é preciso aprender e ensinar as crianças e jovens a se socializar porque ninguém nasce socializado. Esse aprendizado se dá de modo mais efetivo. Essa é um processo gradual, e construído nos diversos ambientes em que estão inseridos. Muitas vezes a energia despendida com atitudes agressivas, de modo equilibrado, como impulso de determinação e não como reação a frustrações é um grande ensinamento que pais e educadores devem proporcionar a eles.

[...] A agressividade é o comportamento adaptativo intenso, ou seja, o indivíduo que é vítima da agressividade constante tem dificuldade de se relacionar com o próximo e de estabelecer limites porque estes às vezes não

foram construídos no âmbito familiar. O sujeito agressivo tem atitudes agressivas para se defender e não é tido como violento. (MARCELOS, 2011, p.11).

Neste sentido existem alguns comportamentos que são característicos até os quatro anos de idade, por exemplo, no caso de crianças, como tapas, mordidas, gritos, chutes. Apesar da pouca idade, os pais já podem orientar e colocar limites para o filho diante dos primeiros comportamentos agressivos por ele manifestos.

É preciso compreender que cada ação é característica da idade. A ausência de limites, a tolerância excessiva dos pais, a falta de tolerância perante frustrações, violência física ou emocional, ausência de carinho são fatores que provocam comportamentos agressivos futuramente. Independente de ser ou não uma atitude característica, é imprescindível que, desde o início, mesmo os pequenos de pouca idade, os pais e educadores orientem e coloquem limites diante desses comportamentos agressivos.

É preciso que os gestores e profissionais da área tomem consciência sobre a importância de se estudar esta temática na sala de aula, não fechando-se a ações isoladas, mas abordando os acontecimentos que vão além dos muros da escola.

2.1 Os Tipos de Agressão nas Escolas

O significado da agressão está relacionado a uma força ou potência utilizada para defender-se de algo ou alguém. São muitos os tipos de agressão. Pode-se encontrar na Wikipédia, enciclopédia livre os vários tipos de agressões, são eles: agressão hostil (hostilidade), agressão instrumental, agressão direta, agressão deslocada, auto-agressão, agressão aberta, agressão dissimulada, agressão inibida. Debarbieux. (1998) considera que as incivildades classificadas por ele como agressivas e violências, anti-sociais que podem ser traumáticas, sobretudo quando se dão de forma banalizada e são silenciadas, visando proteger a escola. Assim, professores não vêem, não reclamam e as vítimas não são identificadas como tais.

As manifestações de racismo, também são consideradas uma manifestação da agressividade em que seria comum a cumplicidade não assumida entre jovens, adultos, alunos e professores.

Para identificar variáveis ou fatores comumente inter-relacionados com as violências nas escolas, percorrem-se diversas outras relações e processos sociais. A

tendência é não isolar um único fator como possível causa ou antecedente que as potencializaria. Prefere-se, em lugar disso, identificar conjuntos ou ambientes favoráveis à violência. Por isso, além de enfoques multidimensionais, vários autores defendem a importância de abordagem transdisciplinar.

Vivemos situações conflituosas desde o momento em que nascemos e nosso dia a dia está pautado por inúmeras decisões conflitantes. A presença dos conflitos em nossa sociedade não é algo novo que acontece apenas em nossa época. Chrispino define conflito da seguinte forma:

O conflito, pois, é parte integrante da vida e da atividade social, quer contemporânea, quer antiga. Ainda no esforço de entendimento do conceito, podemos dizer que o conflito se origina da diferença de interesses, de desejos e de aspirações. Percebe-se que não existe aqui a noção estrita de erro e de acerto, mas de posições que são defendidas frente a outras, diferentes. (CARREIRA citado por CHRISPINO, 2002, P. 08).

A vulnerabilidade da escola à várias formas de agressividade faz com que aumente também sua perda de legitimidade como lugar de produção e transmissão de saberes, quando contraposta ao alcance social, de novos meios de formação.

2.2 A Agressividade no contexto escolar

Não podemos falar de agressividade sem antes ter falado de violência, já que ambas estão intimamente ligadas. Muito temos visto através da mídia que divulga frequentemente casos de violências e agressões sofridas dentro e fora das escolas, mas pouco se fala em medidas para minimizar esta questão, onde se verifica que há uma ausência por parte das políticas públicas na elaboração de programas que possam auxiliar para a diminuição dessa violência sofrida. Quanto a isso Silva nos afirma:

O que nos parece bastante grave, além da violência em si, é o fato de que as várias formas de agressividade, produzidas no cotidiano da sociedade, parecem não mais indignar a população brasileira. É como se ela fosse "aceita" por todos, a ponto de a população conviver com esta realidade sem maiores traumas, ou seja, a própria vida parece não ter maior significado, chegando a ser banalizada... (SILVA, 2011, p. 03).

A escola é detentora de uma importante parcela na construção do processo de socialização do aluno, é nela que a mesma tem a oportunidade de vivenciar

situações reais do cotidiano que “desafiam” suas habilidades sociais, desde pequenas as crianças disputam por brinquedos, espaços e atenção dos adultos, até maiores desentendimentos.

Desse modo sempre em parceria com os pais, a construção do conceito de coletividade, o desenvolvimento da tolerância à frustração, a descoberta de formas saudáveis de resolver problemas e conflitos, devem ser objetivos tão importantes a serem alcançados quanto os chamados conteúdos escolares.

A escola e a família devem, desde o início, trabalhar e incentivar a construção coletiva de regras de convivência, a elaboração e apresentação diária de uma rotina estruturada, seja de aula ou de atividades domiciliares, valorização do potencial da criança, um planejamento de atividades motivadoras, buscando sempre modos aceitáveis para resolução de conflitos e de expressão de sentimentos.

Acredita que um dos caminhos mais promissores para a construção da cultura de paz é o desenvolvimento de propostas que priorizem a juventude, concebidos a partir de conceitos como cidadania e participação, por meio de práticas de educação, cultura, esporte e lazer. Assim, “o desafio maior está em transformar premissas, filosofias, concepções e resultados de pesquisas em medidas práticas que possam contribuir para a formulação de políticas públicas” (ABRAMOVAY, AVANCINI, 2006, p. 25).

3. A GESTÃO ESCOLAR MEDIADORA DOS CONFLITOS E DAS RELAÇÕES NA ESCOLA

Geralmente as pessoas caracterizam a organização da gestão escolar como um núcleo gestor bem constituído, que visa organizar a vida escolar do aluno otimizando metas e objetivos afins.

Desse modo o indivíduo, desde o nascimento aprende regras e normas para estar inserido na sociedade vinculando-se a um conjunto de valores e propósitos que atinjam a interação entre as pessoas. Observando a escola nessa vertente, a instituição não deixa de ser uma organização que apresenta características peculiares a respeito da função social, onde a tomada de decisões está relacionada à resolução de conflitos entre as pessoas.

A estrutura física das escolas também afeta o ambiente escolar. Em geral, as escolas estão separadas do entorno por muros, cercas e grades. Uma boa parcela dos alunos critica a qualidade do ambiente físico, principalmente as salas de aula, corredores e pátios, embora eles afirmem gostar da escola em que estudam. Os

locais que os alunos preferem nas escolas são as cantinas, corredores, pátio e outros.

Nos dias atuais a escola sofre incessantemente com o agravamento das ocorrências de atos violentos no seu interior e também no seu entorno. A violência se manifesta de diversas maneiras e envolve os integrantes da escola tanto como vítimas quanto como agressores. A dimensão que a violência atingiu no ambiente escolar, que deveria ser de socialização, aprendizagem e formação do homem, põe em risco o exercício dessas funções, pois a instituição escolar também aparece como lugar de explosão de conflitos sociais. (...) (SANTOS, 2001).

A escola pode formar um universo capaz de propiciar o pleno desenvolvimento do aluno, criar condições para que ocorram aprendizagens significativas e interações entre alunos, professores, diretores e demais membros da equipe técnica da escola. Nesse ambiente de diversidade, no entanto, também ocorrem brigas, atos de agressividade e de violência, e as medidas tomadas para solucionar os conflitos em geral cabem à direção da escola.

Nas escolas em geral existem regras que determinam o bom funcionamento do ambiente, sobretudo aos alunos. Entre as regras internas, as que mais suscitam reações variadas são as que se relacionam com a observância do horário das aulas, o uso do uniforme, a identificação e as práticas permitidas ou proibidas no espaço escolar. Geralmente todas essas regras estão presentes e expostas nos murais da escola, elas fazem parte do documento muito importante na instituição que é o Regimento Escolar.

Como regra geral nas escolas, principalmente as diurnas, fumar é proibido aos alunos. Porém, o diretor, o professor e demais funcionários não sofrem a mesma restrição. Os alunos se queixam de que eles próprios os adultos da escola quebram as regras.

Nesse sentido, o maior ensinamento é sem dúvida o bom exemplo de que o cumprimento das regras é válido a todos. Algumas escolas são mais flexíveis do que outras, encontrando-se, também, casos que podem ser considerados de manifestação de violência institucional, ou seja, abuso de poder por parte da instituição que impõe suas regras sem margens de defesa e contra-argumentação por parte dos que são submetidos a ela.

Na medida em que as punições são, na maioria das vezes, estipuladas de forma arbitrária, a escola pode ser um lócus privilegiado do exercício da violência

simbólica. Nas escolas, existem comportamentos que são negativamente sancionados, mediante punições específicas, conforme as transgressões disciplinares. A violência, nesse caso, seria exercida pelo uso de símbolos de poder que não necessitam do recurso da força física, nem de armas, nem do grito, mas que silenciam protestos.

Normatizar os comportamentos e as relações entre os atores escolares desenvolvem-se sentimentos, atitudes e percepções variadas acerca da escola e dos envolvidos no processo de escolarização, tornando-se relevantes quando identifica os fatores que levam os alunos e membros do corpo técnico-pedagógico a apreciarem ou não a escola onde estudam ou trabalham.

As relações entre alunos e professores as atitudes e percepções de uns sobre os outros e sobre a escola, cabe indagar sobre como eles se relacionam no ambiente escolar. Tratando-se dos estudantes, depois dos seus colegas, o professor é o principal interlocutor, sejam suas relações cordiais ou não.

De certa forma, os alunos valorizam professores que os incentivam a continuar os estudos, mostrando-se interessados neles, preocupando-se com seu desempenho, dando conselhos, dialogando e sendo amigos. Dialogar, para os alunos, significa tratar os assuntos que despertam o interesse deles, conversar, trocar opiniões sobre as principais decisões a serem tomadas nas escolas. A atenção e o diálogo são ressaltados pelos alunos, criando momentos de descontração nas aulas, facilitando a aproximação entre eles.

As relações entre alunos, diretores e outros atores da escola os diretores são elogiados pelos alunos quando oportunizam o diálogo, dando-lhes a oportunidades tais como: comunicabilidade; quando atendem às reivindicações dos alunos; maleabilidade para lidar com as situações.

3.1 Experiências Exitosas no Combate à Agressividade Escolar

O universo conceitual da agressividade é amplo e vasto possuindo atributos oriundos de diversas concepções teóricas, nesse caso levantamos a seguinte questão? Será possível prevenir este comportamento.

Conforme já mencionado, há várias situações e como atos de indisciplina, que se configuram através de agressões entre alunos e alunos, alunos e professores, pichações, depredações, não explicitação das normas de organização da escola,

carência de recursos humanos e materiais, desvalorização do profissional docente, esses e vários outros fatores causam desmotivação tanto por parte dos professores quanto por parte dos alunos. (ABRAMOVAY; RUA, 2004).

Diante dessa preocupante condição, novas estratégias são necessárias o combate à violência dentro da escola. Desse modo, como forma de repressão à violência, o que emerge são ações e estratégias planejadas, tendo como base os conceitos e princípios que norteiam uma gestão escolar democrático/participativa, ou seja, um processo coletivo e totalizante, cujo requisito principal é a participação efetiva de todos.

O primeiro passo para enfrentar o problema equilibradamente observando a sua real dimensão, sugerem Abramovay e Rua (2004), que seja avaliado como se manifesta cotidianamente. Mas como abordar a temática agressividade com eficácia? Fazendo-se necessária a presença marcante e eficiente do gestor educacional como mobilizador e racionalizador de ações, visto que da sua forma de atuação como uma das peças chave do processo educativo. Disso, resultará o sucesso ou o fracasso da instituição e de seus membros.

Em primeiro lugar, o gestor tem o apoio da Constituição Federal de 1988, a qual avançou no sentido de garantir uma gestão democrática no ensino público (206, VI) e viabilizar a adoção de critérios para a participação da população no processo educacional dentro das escolas. Sendo assim o Gestor encontrará apoio em toda a comunidade escolar, que com suas experiências e vivências pessoais e sociais, auxiliarão no sucesso aos objetivos estabelecidos no combate à violência escolar.

Em segundo lugar, o gestor pode contar com apoio legal na (LDB) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Conforme o artigo 14 da referida lei, os sistemas de ensino públicos definem as normas dessa gestão na educação básica, de acordo com suas “peculiaridades” e conforme os seguintes princípios: I. Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola; II. Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Esse apoio legal pode-se inferir que, quando se trata de democratizar a gestão, os objetivos das políticas governamentais se dirigem para uma concessão maior de autonomia e poder ao gestor educacional, para que ele possa buscar pessoas e parcerias em prol da realização dos objetivos escolares.

Conforme Carneiro et al (2000, p. 77) destaca que: “[...] as decisões centralizadas no diretor cedem lugar a um processo de resgate da efetiva função social da escola, através de um trabalho de construção coletiva entre todos os agentes da escola e, destes com a comunidade”. Vale lembrar que as expectativas com relação ao que se espera daqueles com os quais se compartilha a gestão devem ser bastante positivas.

A característica da gestão democrática e participativa que expomos nos faz acreditar que essa ação acentua-se como uma estratégia eficaz de prevenção e combate à violência na escola. Contudo, a instituição, por si só, não será capaz de sanar os problemas relacionados à violência.

As experiências pessoais influenciarão nas experiências e nas ações coletivas, como forma de envolver toda a comunidade. Mas, apesar do gestor escolar ainda não contar com um conjunto teórico ajustado e consolidado para realizar suas atividades de administração, as políticas educacionais o favorecem por meio de duas leis principais, que tratam da reorganização dos sistemas de ensino e direcionam as mudanças que se fazem necessárias na educação.

A gestão da escola, dessa forma assume uma “autoridade compartilhada”, na qual se delega poder aos representantes da comunidade escolar, que por sua vez assumem responsabilidades em conjunto.

Porém, para compartilhar ou abrir espaço para uma gestão participativa, faz-se necessário que o gestor sensibilize a toda a comunidade escolar, mostrando que o bem-estar de todos e a busca de resultados satisfatórios e soluções viáveis e efetivas para o que se propôs necessitam do envolvimento e do apoio coletivos. Percebe-se que prevenir e superar a violência dentro da escola é um desafio que se concretizado representa o avanço no que se refere à garantia de escola pública de qualidade para todos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gestão da escola pública possui o desafio de construir mecanismos que direcionem a dinâmica escolar frente às questões de agressividade. Considerando a violência como um antigo problema, mas sempre com novos desafios a serem enfrentados trata-se das questões de agressividade na escola porque é considerada vítima e palco de violência. Tornando-se vítima quando seus gestores e docentes

são hostilizados, pelas ações agressivas que ela produz, quando o vandalismo torna-se centro das atenções, é palco de violência quando no seu ambiente se desenrolam conflitos entre os seus membros, e quando torna-se também lugar de aprendizagem de atos de agressividade e violência.

Diante disso, um modelo de gestão que possa amenizar determinada situação deve ser constituído de forma gradativa e coletiva com a participação de todos os envolvidos no processo educacional, levando em conta cada modelo, as necessidades prioridades e características, já que segundo (LIMA, 2000) Cada escola é um “mundo” em diversidades, e é a gestão que irá coordenar a rotina escolar com vistas à prevenção da agressividade dos alunos.

Ocorrem formas de agressividade através dos atos de vandalismo nas escolas de ambas as redes, mas em maior proporção entre escolas públicas, sendo que, muitas vezes, tais fatos estão associados a uma má administração, como diretores ausentes, autoritários e omissos, e da parte dos alunos que muitas vezes advém de famílias desestruturadas onde não cultivam valores como respeito e solidariedade.

As escolas lidam com atos de agressividade e diversos tipos de violências por meio de normas. Entre os diversos procedimentos, destacam-se as advertências, suspensões, transferências e expulsões, que dependem da gravidade situacional.

O esforço empreendido nesse artigo, ao trazer uma visão ampla sobre situações de agressividade nas escolas, pretende ajudar na reflexão e na busca de medidas estratégicas para a superação dos diversos tipos de agressividade no cotidiano escolar.

Portanto, a escola não deve ser vista apenas como um cenário de tensões, conflitos e agressões. Tem que ser pensada como um local de aprendizagem, aquisição de normas e valores, onde os alunos construam sua personalidade e identidade numa perspectiva funcional.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian & RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**. Brasília UNESCO. Undime: 2002.

_____. Violências nas escolas e estratégias de superação. in: **Seminário Violências nas Escolas e Estratégias de Superação, Fórum Social Mundial**, Porto Alegre, 30 jul. 2004. *Apresentação*. Porto Alegre: 2004.

_____. Ministério da Educação. **Programa Nacional Paz nas Escolas**. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/sedh/paznasescolas/memorial.htm>. Acesso em: 02. 05. 2016.

BRASIL. Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF. 1996.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2002.

CARNEIRO, M. A. leitura crítico - compreensiva. **Agressividade na Escola**. Petrópolis, 2007.

CARRERA D. B. X. **Violência nas Escolas: Qual é o papel da gestão?** Brasília DF, UCB. 2004.

CHRISPINO, Álvaro e CHRISPINO, Raquel. **Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar**. São Paulo: Editora Biruta, 2002.

DEBARBIEUX, Éric (Coord.). A Violência nas escolas: Abordagem européia. Instituto nacional de investigação pedagógica.. In: Revisão da Educação Francêsa, n.º 123. Abril, maio e junho, 1998.

LIMA, Maria do Socorro Martins. **Silêncio e/ou participação?** A questão da disciplina na concepção e na prática de professoras da 1ª série do ensino fundamental. 2000. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

MARCELOS, Viviane Avelino. **A violência na escola. Brasil Escola**. Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.com/sociologia/violencia-escolar.htm>, Publicado em 2011. Acesso em: 11/05/2016.

ODALIA, Nilo. **O Que é a Violência**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

SANTOS, J. V. T. **A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias**. Educação e Pesquisa. v. 27, n. 1. São Paulo: jun. 2001.

SILVIA, Aída Maria Monteiro. **A Violência na Escola: A Percepção dos Alunos e Professores**. 2011. Natal: REDE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS Disponível em: www.dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/aida2.htm. Acesso em: 11/05/2016.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Viol%C3%Aancia>